



# Os dois mundos dos caiapós

Márcia Guerreiro

**A**os doze anos, eles se casam. Crianças nascidas defeituosas são sacrificadas. E os gêmeos também. Todos pintam o corpo e se enfeitam com penas e contas,



mas a nudez está banida das aldeias e as ocas de palha foram substituídas por casas de tijolos. Sem abandonar velhos deuses e tradições, eles se põem em dia com o mundo contemporâneo, adotando novidades como o relógio digital e a antena parabólica de TV. São os caiapós, povo amazônico que, sob a liderança do polêmico cacique Tutu Pombo, se lançou ao desafio de habitar dois mundos ao mesmo tempo, com um pé fincado na pré-história e outro na era da tecnologia.

■ O cacique Tutu Pombo e os guerreiros: relógio, bandeira, arcos e flechas na aldeia de Kikretun





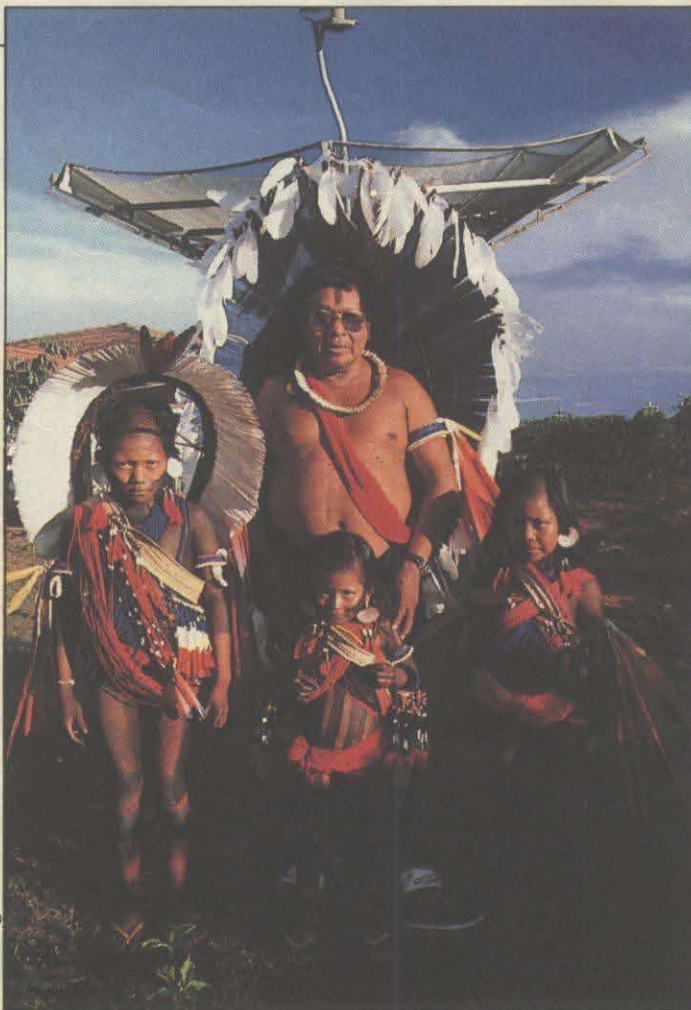


Às quatro horas da manhã, quando começa a acordar, a Floresta Amazônica ainda está envolvida pela escuridão. Aos poucos, surge no ar uma névoa branca que se agarra às copas das castanheiras. O sol não tem força para iluminar o que se passa além desse manto de neblina formado em plena região tropical. Lá embaixo, centenas de pessoas enfeitadas com miçangas e penas dançam no centro da taba — um ritual primitivo, destinado a pedir aos deuses não só proteção pessoal, mas ainda, como convém a estes tempos de avanço científico, os cruzeiros capazes de comprar o que de melhor a moderna tecnologia tem a oferecer.

As nuvens brancas escondem Kikretun, a mais importante das cinco aldeias da Reserva Caiapó, uma área de 3,2 milhões de hectares, cortada pelo Rio Branco, no Sul do Pará. Nas cinco aldeias vivem 1.946 índios, sob a chefia suprema do cacique Tutu Pombo. Kikretun é a morada de 322 caiapós, ao mesmo tempo fiéis a suas antigas tradições e apaixonados por novidades tecnológicas. “Gostamos de andar nus, mas com dinheiro nos bolsos”, brinca o líder da comunidade, até porque ele mesmo tornou obrigatório na aldeia o uso de calções pelos homens e de vestidos pelas mulheres.

O azul toma conta do céu de Kikretun quando os caiapós se despedem da dança. A remoção da neblina e o surgimento do sol são interpretados por eles como obra dos deuses e prova de que as suas preces foram atendidas. Para as mulheres, é hora de abandonar a aldeia, deixar os colares de miçangas pendurados nas redes e partir para o trabalho. Os homens rumam para a maior das construções da taba, a Casa do Guerreiro, um rancho apoiado em grossos pilares de pau-brasil, onde traçam o destino dos caiapós. As crianças nuas levam nos ombros periquitos sonolentos

Fotos: Sérgio Amaral



Pombo e a parabólica: ponte para ligar os jovens ao mundo

rá, pacientemente, os grãos de milho ou as raízes de batata nas covas abertas com enxadões. “A mulher trabalha a terra para dar de comer a todos da aldeia”, determina o cacique. Resignadas, elas cumprem as ordens. Repetidas vezes, ouviram histórias nas quais avós e bisavós nunca desempenharam outro papel senão o de mãe trabalhadeira. Nenhuma ousa desafiá-lo.

Tutu Pombo é o todo-poderoso sucessor do cacique Raoni, que se tornou famoso ao correr o mundo com o roqueiro inglês Sting, à caça de dólares a

enquanto atravessam a aldeia rumo à escola. Começa o dia em Kikretun.

Pisoteando o estreito atalho rasgado entre as ramagens da selva, uma fila de quase cem mulheres a caminho da roça percorre oito quilômetros, todas com os filhos pequenos presos às costas por faixas de sisal. Parte delas vai arrancar da terra a mandioca plantada meses antes. Outra distribui-

serem aplicados na preservação da Floresta Amazônica e no atendimento das necessidades dos caiapós. Enquanto Raoni viajava, Tutu Pombo construía sua popularidade, distribuindo alimentos, remédios e promessas pelas aldeias. Homem próspero, com tino para os negócios e habilidade para tirar proveito econômico da floresta, fazia dos degraus de seus aviões palanques improvisados. Jura transformar todos os índios em homens ricos como ele mesmo. “O que existe na floresta é nosso e ninguém tem o direito de dizer se devemos ou não derrubá-la”, afirmava.

Era a resposta endereçada por Tutu Pombo ao distante Raoni, que na companhia de Sting, diante dos microfones mais disputados do mundo, censurava-o por enriquecer à custa de danos ao meio ambiente. Pombo era responsabilizado por Raoni pela devastação de 1% da área da Reserva Caiapó, por ele aberta aos brancos para a exploração de ouro e madeira.

“Pouco prejuízo para muito lucro”, rebatia Pombo. E completava para o



Pombo e uma castanheira: “Pouco prejuízo para muito lucro”



seu público: “Enquanto eles viajam sem trazer um tostão, eu fico aqui e mato a fome do meu povo”. A pregação surtiu efeito. Os caciques e chefes menores das cinco aldeias deram até o fim de maio para Raoni apresentar os milhares de dólares que afirmava ter recolhido no Exterior. Esgotado o prazo, o dinheiro não apareceu.

Os caciques então se reuniram, destituíram Raoni do posto de chefe supremo dos caiapós e, por unanimidade, elegeram Tutu Pombo para ocupar o lugar.

Das terras devastadas pelo novo líder brotam, a cada mês, milhões de cruzeiros. Os bolsos cheios deram a Pombo a possibilidade de adotar, para si e para a comunidade, uma série de novidades. Comprou dois aviões — um Cessna e um Sêneca —, um caminhão, uma pick-up e dois automóveis. Substituiu as ocas da aldeia por casas de alvenaria e iluminou seus cômodos com a energia de um gerador movido pela água do rio. Instalou ainda geladeiras, videocassetes e televisores que recebem imagens através da antena parabólica instalada entre as bananeiras de Kikretun.

“Índio não pode viver como macaco para servir de atração aos brancos”, sustenta Pombo. Ele acredita que a tecnologia instalada na aldeia sirva de defesa contra o próprio branco. Os relógios de ouro que pendem nos braços pintados com urucum e jenipapo avisam os homens do horário exato em que devem ligar a televisão.

Como muitos não sabem ler as horas, Pombo regulou o alarme dos relógios de todos os guerreiros para tocar na hora do *Jornal Nacional*. “É hora de saber se os índios viraram notícia”, esclarece Tuny, o chefe

dos guerreiros, que jura não saber ler as horas no seu Citizen digital, comprado há cinco anos em Belém.

Mas basta o apresentador Cid Moreira dizer o boa-noite que todos os aparelhos de Kikretun são desligados. “É hora de nojeira”, anuncia Tuny. Nenhum caiapó assiste a outro programa desde que Pombo flagrou os ir-

mãos Bekueituty, um menino de nove anos, e Kuainkre, uma garota de sete, beijando-se na boca, como tinham visto numa telenovela. O beijo não faz parte da cultura dos caiapós. O carinho mais íntimo que trocam em público é um leve roçar de dedos no rosto da companheira. Pelo inocente escândalo, as crianças e sua mãe, Meryna,

foram ameaçadas de morte por Tutu Pombo.

O costume do namoro não existe igualmente entre os caiapós. O casamento é acertado quando são bebês. Horas após o parto de uma menina, a mãe escolhe um

menino nascido meses antes para ser o futuro marido da filha. Até se casarem, não podem conversar nem brincar juntos. Também são proibidos de estudar na mesma classe.

Eles se casam quando a infância termina, por volta dos 12 anos. Na festa de casamento o menino está frequentemente abatido. Provar ser um

bom marido não é fácil. Seis dias antes da cerimônia, os guerreiros da aldeia carregam o garoto até a casa da futura mulher. Lá, seus sogros o fazem deitar ao lado da menina e, durante cinco dias, ele é obrigado a manter o maior número de relações sexuais que conseguir. O casal toma só água du-



Meryna e os filhos: beijo imitado da TV



■ Na aldeia de casas de tijolo, a pintura do corpo, única roupa usada antes do contato com o branco: jenipapo, urucum e arte para conservar a identidade





*Criança caiapó: intimidade com a natureza e duro aprendizado de civilização*

rante esse período. Após mostrar que é homem o bastante, os guerreiros o retiram da cama e o levam para outra prova: enfrentar um enxame de abelhas.

Para a menina, cabe o papel de amante perfeita. Ela é proibida até de ficar menstruada, o que poderia frustrar o marido. Para evitar isso, as mulheres recorrem a Tutu Pombo, que é também o pajé e feiticeiro. Ele prepara um chá capaz de coibir o ciclo menstrual, à base de urucum, um fruto cheio de pequenas sementes vermelhas. O chá é um anticoncepcional de efeito garantido. A enfermeira Dulce Helena Silva já viu muitas mulheres desmaiarem por problemas de pressão arterial causados pela suspensão da menstruação. E não pôde socorrê-las. “Desses casos quem cuida é o pajé”, explica.

O pajé trata com exclusividade das doenças próprias dos índios. “São as que deixam o corpo dormente, causam ânsias de vômito e fazem perder a visão”, explica ele. Doenças de branco, como gripe e malária, têm socorro na farmácia da Funai, reabastecida por Tutu Pombo. “A Funai sempre atrasa a reposição dos medicamentos”, reclama Dulce.

O nascimento de uma criança também é resolvido apenas entre os caiapós. Jamais um branco pode se aproximar das índias no momento do parto. Elas podem guardar segredos considerados crimes pelo branco. Faz parte da tradição dos caiapós enterrar vivos os bebês nascidos com deficiência física ou mental. Os gêmeos, mesmo perfeitos, têm o mesmo fim. “Eles provam que o casal se excedeu nas relações sexuais”, esclarece a índia Eketi, a mais antiga parteira da tribo.

Há três anos, os guerreiros da aldeia fizeram uma grande reunião e decidiram que todas as crianças deveriam aprender o Português. “Já fomos enganados muitas vezes porque não entendíamos as palavras dos compradores de ouro e madeira”, lembra

Meuá, um dos guerreiros. O Conselho Indigenista Missionário (Cimi) enviou então para Kikretun a professora Roseclei Soares, de 25 anos. “É difícil ensinar, pois eles só querem aprender o Gorotire, um dos dialetos do grupo Jê do tupi-guarani”, diz Roseclei. Além disso, na aldeia, o uso do Português está proibido por Pombo.

Os alunos não gostam do homem branco, a quem chamam de kuben, nem de seus hábitos. No começo, os meninos olhavam enojados para as grossas sobranceiras de Roseclei. Nenhum caiapó deixa de arrancar, com as unhas, as sobranceiras e os cílios durante toda a vida. Era um caso de choque mútuo, já que a professora também demorou a se acostumar com o gosto das índias em encontrar piolhos na cabeça dos filhos, arrancá-los e comê-los. As crianças, por sua vez, queriam que ela se transformasse numa índia. Foi duro convencê-las de que ela jamais iria deixar seus longos vestidos de mangas compridas.



Hoje, a professora já encontra prazer em fazer suas refeições com os caiapós, o que não é fácil para quem está acostumado a um certo conforto e a outra etiqueta. No almoço e no jantar comem peixes das águas do Rio Branco. Piranhas e tucunarés são

assados com escamas e vísceras, sem tempero. Tudo servido no chão, ao lado de araras e cachorros.

Desde que abriu a aldeia aos brancos, Pombo compra calções de náilon para os homens e vestidos de chita para as mulheres. “Muitos brancos roubaram nossas mulheres”, acusa. “Os caiapós lutam para preservar as tradições, mas o contato com o branco não ajuda”, analisa Roseclei. “Certa vez, um comprador de madeira convenceu algumas crianças de que não são os deuses que retiram dos céus as nuvens brancas das manhãs de Kikretun”, lembra, dando um exemplo das mudanças nas cabeças do caiapós.

Hoje, alguns meninos já deixam escapar um sorriso no canto dos lábios, mistura de desafio e descrédito, quando, a cada manhã, o cacique enche os pulmões e, com um brado formidável, dá por encerrado o grandioso ritual do nascimento do sol, ao qual dá grande importância como elemento de união do povo caiapó: “Eles ouviram as nossas preces! Os deuses nos darão proteção e dinheiro pelo resto da vida! É o que o sol veio dizer!”

■ Dança ritual da chegada do sol na aldeia de Kikretun: “Eles ouviram nossas preces! Os deuses nos darão proteção e dinheiro pelo resto da vida”

■ Dança ritual da chegada do sol na aldeia de Kikretun: “Eles ouviram nossas preces! Os deuses nos darão proteção e dinheiro pelo resto da vida”